

REVISTA



inovar

Março/Abril 2014
7ª edição

A utilização do jogo no ensino da Matemática

Gilmara Gasparotto Fazan



ARTIGO

A importância da formação continuada para os professores de Educação Infantil
Helóisa Machado Silva



ARTIGO

Educação Ambiental: Seguro de nosso futuro
Luiz Célio de Oliveira

COLUNA

O Ensino da Língua Portuguesa a serviço da interrupção: uma (des)conversa
Erinaldo Francisco dos Santos

OPINIÃO Sobre a importância da literatura
José Marcel Lança Coimbra

ÍNDICE



artigo

A importância da formação continuada para os professores de Educação Infantil

Heloísa Machado Silva



artigo

Educação Ambiental: Seguro de nosso futuro

Luiz Célio de Oliveira



experiência

A utilização do jogo no ensino da Matemática

Gilmara Gasparotto Fazan

14



coluna

O Ensino da Língua Portuguesa a Serviço da Interrupção: Uma (des)conversa

Ernaldo Francisco dos Santos

22



sugestões

Livros e Filmes

Filme: Vermelho Como o Céu

Livro: Cem Anos de Solidão

Livro: Alice no País das Maravilhas

19



opinião

Sobre a importância da literatura

José Marcel Lança Coimbra

26



redações em destaque

Textos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

editorial

PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei



Construções e desconstruções: ciclo necessário para a qualidade da educação

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design gráfico e editoração: Márcio R. Martins
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Prof. Ernaldo Francisco dos Santos
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de Carvalho e Ir. Elton Lopes

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina Sacoman Campos Alves, Regina Cristiane N. Campos Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B. Martins e Gilson José Amancio.

Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Andréia Juliani
Juventude Cristo Rei: Ir. Márcio Diniz
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399

www.cristorei.com.br / colegio@crstorei.com.br

Verdades universais, conclusões definitivas, opiniões imutáveis. Atualmente, no mundo em que vivemos tudo isso soa sem sentido. As pessoas mudam, as situações mudam, os espaços mudam, por isso é natural que conceitos sejam revistos, metodologias sejam atualizadas e pontos de vista sejam repensados com frequência.

Porém, o dinamismo de nossos tempos não deve ser confundido com volubilidade e nem com a perda de valores e tradições. É preciso acompanhar, e até mesmo antever, novas configurações sem se afastar dos alicerces que embasam tal teoria, prática, comportamento, etc.

Na educação acontece da mesma forma. É imprescindível estar atento ao novo, compreender os recentes fenômenos e apropriar-se do que existe de mais moderno para contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem. Mas, isso não acontece ao custo de abandonar referências, descartar experiências. Trata-se, ao contrário, de somar forças em prol da melhor formação ao educandos.

Pensar e repensar a educação formam um ciclo virtuoso essencial para a efetiva preparação dos alunos em seus diversos aspectos.

Portanto, a Revista Inovar contribui com as constantes construções e desconstruções acerca do fazer educativo, buscando ser, cada vez mais, uma ferramenta para que educadores, pais, estudantes e toda a comunidade educativa reflita constantemente sobre as melhores maneiras de ensinar e de aprender.

“Pensar e repensar a educação formam um ciclo virtuoso essencial para a efetiva preparação dos alunos em seus diversos aspectos.”

artigo



Para bem ensinar... e aprender

A importância da formação continuada para os professores de Educação Infantil

Ao observarmos a história da educação brasileira percebemos ser muito recente o lugar que a Educação Infantil ocupa do ponto de vista educacional e não apenas assistencialista. Ela não é mais tratada como direito aos pais, ou melhor, às mães para poderem trabalhar. Ao invés disso, hoje é vista como um direito à criança. Direito este garantido a partir da Constituição da República de 1988, que visa propiciar um espaço de desenvolvimento e de possibilidades para a criança. A Educação Infantil, como parte da Educação Básica, busca favorecer o desenvolvimento integral, desenvolvendo suas máximas potencialidades intelectual, social, moral, afetiva, física, cultural.

Para o homem sua principal atividade é o trabalho, sendo esta transformadora. Já para criança sua principal atividade é o brincar, o cantar, o dançar, o fazer de conta... possibilitando bases para outras aprendizagens. Assim é necessário ampliar as possibilidades e as referências para as crianças, propiciando-lhes a vivência de várias linguagens para que encontrem a que possui maior facilidade de expressão.

Nesse contexto torna-se relevante pensar o conceito de criança. Segundo Vigotski, Luria e Leontiev (1988), a criança é um ser ativo que só se desenvolve amplamente a partir da sua própria atividade mediante os relacionamentos humanos, as parcerias que se formam nas relações entre adultos e crianças, a atividade mediada e as condições adequadas de vida e de educação.

Dentro desta perspectiva é fundamental pensar na função do educador nesse processo, uma vez que este não espera que a criança se desenvolva para que possa aprender. Cabe ao



adulto ter condições de oferecer as melhores oportunidades para a criança.

Dessa forma, é indispensável pensar na formação do educador, especificamente do profissional que atua na Educação Infantil, pois ele precisa estar solidamente preparado para estar com as crianças, afinal ninguém ensina algo que não sabe ou que não tenha para oferecer.

A maioria dos professores de Educação Infantil, na sua própria formação, não vivenciou a realidade na qual se encontra atualmente a Educação Infantil, visto sua breve trajetória. Ainda aqueles que tiveram esta possibilidade vivenciaram mais como espaço de cuidados do que de oportunidades.



artigo

Por muito tempo, o professor de crianças pequenas foi visto como uma extensão da função materna e, em muitas situações, ainda assim o é. Porém, esta concepção apenas será reformulada com a atuação diferenciada destes profissionais, o que pode ser possibilitado pela formação continuada dos professores de Educação Infantil.

Através do estudo, o educador tem a oportunidade de repensar o espaço da criança na sociedade, o seu papel, a função da escola e da família dentro do processo educativo da criança. Além disso, o profissional passa a se sentir capacitado para argumentar e defender a importância do seu trabalho.

No exercício das funções diárias muitas vezes se percebe que a prática e a teoria ficam distanciadas. Isso exige que o profissional tenha conhecimentos para refletir durante o seu trabalho, para avaliar se está colocando na prática os conceitos nos quais acredita. Assim, poderá dialogar com as crianças e pensar sua prática e suas relações. Sem o referencial teórico o professor fica esvaziado para a realização do seu trabalho.

Neste sentido, é importante que o professor tenha clareza da intencionalidade das suas escolhas, das suas ofertas às crianças, pois sem essa reflexão o professor acaba por fazer muitas coisas sem entender o porquê de fato as faz, havendo um empobrecimento do processo educativo.

Adultos e crianças estão sempre na possibilidade de aprender. Por isso, o processo de formação continuada é fundamental para o bom exercício do profissional da educação, permitindo que ele revise suas verdades e que a educação seja de fato

“é importante que o professor tenha clareza da intencionalidade das suas escolhas, das suas ofertas às crianças, pois sem essa reflexão o professor acaba por fazer muitas coisas sem entender o porquê de fato as faz, havendo um empobrecimento do processo educativo.”

Referências bibliográficas

ANGOTTI, M. **Educação Infantil: para que, para quem e por quê.** 3.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. P. 15-32.

ARANTES, P. H. de O. **Educação infantil: Direito, perspectivas e financiamento** – o papel do ministério Público. In: ANGOTTI, M. (Org.) Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. P. 25-35

LIMA, E. A. de. ET AL. **Práticas educativas na Educação Infantil: a busca da profissionalidade.** In: CHAVES, M. (Org.). Intervenções Pedagógicas e Educação Infantil. Maringá: Eduem, 2012. P. 93-106 (Coleção formação de professores EAD, n. 56).



HELOISA MACHADO SILVA
Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do Colégio Cristo Rei

artigo



Educação Ambiental: Seguro de nosso futuro

Com Sistema de Gestão Integrado, Colégio Cristo Rei desenvolve cultura ecológica entre a comunidade educativa

"A Educação Ambiental é um processo em que se busca despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais. Desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política".

Patrícia Mousinho. Glossário. In: Trigueiro, A. (Coord.) Meio ambiente no século 21. Rio de Janeiro: Sextante. 2003

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, a partir de sua resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, determinam que a educação ambiental seja trabalhada em todo currículo escolar de forma integrada e interdisciplinar. Esta é a primeira vez que o conselho Nacional de Educação dispõe de uma normativa para tratar diretamente da Educação Ambiental formal.

Há de se destacar a recomendação da Agenda 21 (capítulo 36), em promover a conscientização e o treinamento, no que se refere ao aumento da consciência ambiental, como parte





artigo



indispensável de um esforço mundial de ensino para reforçar atitudes, valores e medidas compatíveis com o desenvolvimento sustentável.

O Sistema de Gestão Integrado (SGI) implantado no Colégio Cristo Rei, através de suas duas certificações ISO 9001 (Sistema de Gestão da Qualidade) e ISO 14001 (Sistema de Gestão Ambiental) atende tanto às questões legais e também a de conscientização ecológica, fruto de um despertar de conceitos e ações que devem ser incorporadas ao cotidiano de toda a comunidade educativa.

Dentro do processo de gestão, a elaboração de um Plano de Educação Ambiental organizado pelo Colégio Cristo Rei contempla as ações que deverão ser realizadas na área de educação ambiental. Neste plano encontram-se todas as ações programadas pelos professores e que deverão ser desenvolvidas ao longo do ano. No início de cada ano letivo, cada professor elabora seu planejamento inserindo as ações vinculadas à sua própria disciplina e também as ações interdisciplinares. Há de se destacar que não existe uma disciplina responsável em tratar o tema "Educação Ambiental", pois a responsabilidade de conscientização ambiental é de todo o segmento escolar, desde os colaboradores que exercem funções burocráticas, manutenção, entre outros, como também o corpo docente.

As atividades de extensão na área ambiental atendem aos princípios da Política Ambiental do Colégio Cristo Rei:

- ser uma instituição que considera a cultura ambiental no desenvolvimento e nos resultados de suas atividades, transmitindo e estimulando a conscientização ambiental a todos os integrantes da comunidade interna e externa;
- oportunizar educação e treinamento às comunidades interna e externa no que se refere à melhoria contínua da qualidade ambiental.

TRANSFORMANDO INTENÇÕES EM PRÁTICAS ATRAVÉS DE MÉTODOS ADEQUADOS

Os ciclos de treinamentos e conscientização aplicados no Colégio Cristo Rei são estruturados em várias atividades: treinamentos, cursos, palestras, exposições e eventos que são programadas anualmente.

Os treinamentos internos visam atender às exigências do Sistema de Gestão Ambiental, são planejados e realizados de acordo com a necessidade e atendem os seguintes quesitos:

- Conscientização permanente: necessários à manutenção do SGA, com enfoque informativo, conscientizador e motivador. Normalmente são palestras e/ou encontros onde os professores e funcionários são convidados a participar;
- Treinamentos operacionais: capacitação necessária para atendimento dos procedimentos operacionais do SGA e formação de competências. Buscam tornar os envolvidos com as atividades que possam impactar o meio ambiente, competentes em suas funções para atender os objetivos e metas estipuladas nos programas ambientais;
- Treinamentos para facilitadores: capacitação para o pessoal que ministrará os treinamentos. Estes buscam aperfeiçoar e atualizar os facilitadores, funcionários da instituição, que vão conduzir as atividades de treinamento.

Além destes, para marcar o dia Mundial do Meio Ambiente, é planejado um período de atividades diferenciadas na instituição, na primeira semana de junho, com o intuito de chamar a atenção para o tema, congregando tanto a comunidade interna da escola como também a comunidade externa. O objetivo, além da comemoração e reforço das atividades desenvolvidas no referido programa, é trazer para o âmbito escolar, a participação da comunidade externa, que pode expor seus trabalhos na área de meio ambiente, através de trabalhos artesanais de reaproveitamento de resíduos reciclados ou a utilização de resíduos sólidos, estimulando assim a política dos 5Rs (Reduzir, Repensar, Reaproveitar, Reciclar, Recusar consumir produtos que gerem impactos socioambientais significativos).

Quando se trabalha com atividades educativas os resultados podem não ser tão facilmente diagnosticados, mas no caso do Colégio Cristo Rei, apesar de todas as dificuldades intrínsecas que o tema encerra, pode-se observar que a instituição vem gradativamente assumindo a variável ambiental. Citam-se alguns resultados bem palpáveis:



artigo

- controle de energia elétrica e consumo de água para inserir programas de redução de consumo;
- coleta de resíduos sólidos recicláveis que são destinados à reciclagem;
- diminuição do uso de agrotóxicos na jardinagem, o que motivou os funcionários a buscarem novas alternativas para lidarem com os problemas das plantas ornamentais;
- adoção de uso de menores quantidades de produtos químicos em algumas práticas de laboratório, com substituição de alguns reagentes quando assim o permitir;
- lâmpadas fluorescentes, baterias e pilhas e outros resíduos contaminantes (resíduos classificados como Classe I) que ficam armazenadas e são encaminhadas para descontaminação e reciclagem.
- busca de produtos “ecologicamente” corretos para o setor de impressão, onde os efluentes gerados passam por uma etapa de vaporização para que possam ser armazenados e depois encaminhados para descarte correto.

A cultura ambiental que se forma dentro da instituição e é disseminada para fora dela com as ações desenvolvidas no âmbito do SGA garante o resultado mais significativo de todo o processo.

As estratégias usadas para promover a educação ambiental da comunidade educacional através de atividades são constantemente revistas e replanejadas. O que se busca além de manter o sistema em operação é tornar todos os envolvidos comprometidos pela melhoria da qualidade ambiental, seja na instituição, como na sua vida pessoal.

A incorporação dos temas ambientais no Colégio Cristo Rei requer uma mudança de cultura em todos os seus níveis funcionais. Para que esta mudança ocorra, atividades de educação ambiental devem ser constantemente oferecidas. A educação ambiental é entendida aqui como um processo de aprendizagem e reaprendizagem ecológica, busca com que os indivíduos adquiram os conhecimentos, os valores, os comportamentos e as habilidades práticas para participarem responsável e eficazmente da prevenção e solução dos problemas ambientais, e da gestão da qualidade do meio ambiente.

A educação ambiental realizada pelo Colégio Cristo Rei se configura como mola propulsora de mudanças de comportamentos: está se fazendo educação ambiental. Porém o processo educativo é lento e necessita de constantes “abastecimen-

tos” para manter as pessoas motivadas e engajar outras mais. A efetividade destas mudanças é maior quando aliada às práticas responsáveis, através dos programas ambientais do SGA, o que só é possível pela vontade política da alta administração da instituição.

As mudanças estimuladas por estas atividades alastram-se em todos os espaços ocupados pelas pessoas que participam destas atividades, e que se concretizam realmente em práticas e não somente em intenções. Há relatos de professores e funcionários que começaram a fazer coleta seletiva em casa depois do processo implantado no Colégio Cristo Rei, mostrando que é possível promover a cultura ambiental dentro de uma instituição de ensino e que o efeito desta será refletido na sociedade, pois é estimulada a auto-responsabilidade na proteção do ambiente.

O ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NO PLANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O Colégio Cristo Rei, como instituição de ensino, verifica que o seu principal impacto ambiental é positivo, prima pela conscientização dos seus clientes, da comunidade interna (direção, professores e funcionários) no que se refere à educação ambiental, certo de que é importante saber utilizar e zelar pelos recursos que nos são oferecidos pela Natureza.

A educação ambiental nada mais é do que a própria educação, com sua base teórica determinada historicamente e que tem como objetivo final melhorar a qualidade de vida e qualidade ambiental da coletividade garantindo a sua sustentabilidade. A conscientização depende de cada sujeito. O educador apresenta os problemas, levanta soluções, problematiza e possibilita uma reflexão crítica sobre o assunto. A educação sempre provoca mudanças, mesmo que inconscientes. Essas mudanças são internas e vêm de dentro para fora.

“A educação ambiental é entendida aqui como um processo de aprendizagem e reaprendizagem ecológica”



artigo

A Política Nacional de Educação Ambiental, Lei 9795/99, destaca a importância de desenvolver ações e práticas educativas voltadas à sensibilização e organização da coletividade sobre as questões ambientais e participação na defesa da qualidade do meio.

O sistema de ensino adotado pela instituição privilegia, em seus conteúdos, a questão da educação ambiental, relacionando temas que são trabalhados em sala de aula, mostrando as interferências que o homem pode causar ao meio ambiente e, muitas vezes, mostrando possíveis soluções para diminuir o impacto provocado pelas atividades realizadas pelo ser humano.

Vários assuntos são abordados pelos professores durante as suas aulas com o intuito de promover a educação ambiental em todos os níveis, com as seguintes propostas:

- investir numa mudança de mentalidade, conscientizando a comunidade da necessidade de adotar novos pontos de vista e posturas diante do meio ambiente, de modo a conseguir a construção de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado;
 - conscientizar a comunidade para que o uso econômico dos bens da Terra tenha caráter de conservação, gerando o menor impacto possível e respeitando as condições de máxima renovabilidade dos recursos;
 - educar a comunidade para agir de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro, exigir e respeitar os direitos próprios e o de toda a comunidade;
 - proporcionar um ambiente escolar saudável e coerente com o que se espera que a comunidade assimile, de modo a se tornar consciente de suas responsabilidades com o meio ambiente;
 - à escola cabe a tarefa de garantir situações em que os alunos possam pôr em prática sua capacidade de atuação: fornecer informações, explicitar e discutir regras, promover atividades com participação concreta da comunidade. A escola não é o único agente educativo: a família e a mídia influenciam os adolescentes e jovens;
 - permanente atualização da comunidade, pois a construção e produção dos conhecimentos são contínuas;
 - remeter a comunidade à reflexão sobre problemas que afetam sua vida. Para isso, é preciso que ela possa estabelecer ligações entre o que se aprende na sua realidade cotidiana, o que já conhece, e, desse modo, atuar no meio ambiente;
- reforçar a existência de alternativas ambientalmente equilibradas e saudáveis, diante do já degradado e do poluído; estimulando desse modo, cada vez mais, o comprometimento com a vida, a natureza e os ambientes de convivência;
 - conectar-se com as questões mais amplas da sociedade e com os movimentos de defesa de qualidade do ambiente;
 - unir as propostas de educação ambiental contribuindo para a construção de um espaço coletivo, viabilizando o diálogo entre elementos da comunidade para uma atuação conjunta;
 - incorporar atitudes adequadas para mudanças de valores sociais.

O Brasil com suas dimensões continentais, fez, e ainda faz, muita gente pensar que todos os recursos naturais do nosso País são inesgotáveis. Está aí nosso maior engano. Se não abrirmos os olhos e ficarmos bem atentos às nossas atitudes, poderemos sofrer graves prejuízos e ainda comprometer a sobrevivência das gerações futuras. O processo de conscientização alicerçado às posturas de preservação e recuperação de locais degradados são garantias que podemos dar aos nossos filhos e netos de que eles também são merecedores de um planeta habitável e com qualidade de vida.

Oxalá, façamos hoje melhor do que ontem e amanhã, melhor do que hoje.



LUIZ CÉLIO DE OLIVEIRA

Coordenador Pedagógico do Ensino Médio e Gestor Ambiental do Colégio Cristo Rei.

Graduado em Licenciatura em Ciências Físicas, Biológicas e Programa de Saúde, Licenciatura Plena em Física e Licenciatura Plena em Química. Pós Graduado em Sistemas de Gestão Integrados (Qualidade/Ambiental/Saúde e Segurança/Responsabilidade Social).

experiência



Aprender brincando

A utilização do jogo no ensino da Matemática

Segundo Regina Célia Grando, as crianças, desde os primeiros anos de vida, gastam grande parte de seu tempo brincando, jogando e desempenhando atividades lúdicas. Na verdade, a brincadeira parece ocupar um lugar especial no mundo delas. Os adultos, por sua vez, têm dificuldade de entender que o brincar e o jogar, para a criança, representam sua razão de viver, onde elas se esquecem de tudo que as cerca e se entregam ao fascínio da brincadeira.

Frequentemente ouvimos alguns pais dizendo: "Se você fizer sua lição, poderá brincar. Do contrário, não". Ou seja, a brincadeira, nesse caso, representa um prêmio e não é compreendida como uma necessidade da criança. A criança, em decorrência, pode começar a se desinteressar pelas atividades escolares, pois estas representam um empecilho à brincadeira, uma forma de "punição". O que acontece é que a criança, muitas vezes, não estuda porque é importante, mas para ter o direito de brincar.

Então, porque não se pode desenvolver o estudo e a brincadeira, ambos necessários ao desenvolvimento do indivíduo a partir de uma atividade única, comum, em que seja possível aprender brincando?

Ao observarmos o comportamento de uma criança em situações de brincadeira e/ou jogo, percebe-se o quanto ela desenvolve sua capacidade de fazer perguntas, buscar diferentes soluções, repensar situações, avaliar suas atitudes, encontrar e



reestruturar novas relações, ou seja, resolver problemas.

Quando são propostas atividades com jogos para os alunos, a reação mais comum é de alegria e prazer pela atividade a ser desenvolvida: " – Oba! Que legal!". O interesse pelo material do jogo pelas regras ou pelo desafio proposto envolve o aluno, estimulando-o à ação. Esse interesse natural pelo jogo já é concebido no senso comum. Porém é necessário que a atividade de jogo proposta, represente um verdadeiro desafio ao aluno, ou seja, que se torne capaz de gerar "conflitos cognitivos" ao aluno, despertando-o para a ação, para o envolvimento



experiência

com a atividade, motivando-o ainda mais.

O jogo leva o aluno a desempenhar um papel ativo na construção de seu conhecimento. Envolve ainda a compreensão e aceitação de regras; promove o desenvolvimento socioafetivo e cognitivo; desenvolve a autonomia, o pensamento lógico; exige que o aluno interaja, tome decisões e crie novas regras.

Outro motivo para a introdução de jogos nas aulas de matemática é a possibilidade de diminuir bloqueios apresentados por muitos alunos que temem a Matemática e sentem-se incapacitados para aprendê-la. Dentro da situação de jogo, na qual é impossível uma atitude passiva e a motivação é grande, notamos que, ao mesmo tempo em que estes alunos falam Matemática, apresentam também um melhor desempenho e atitudes mais positivas frente a seus processos de aprendizagem.

Nosso grande desafio, enquanto educadores é buscar alternativas para aumentar a motivação para a aprendizagem. A seguir, apresentamos alguns jogos utilizados em nossas aulas de matemática para tornar o aprendizado prazeroso e mais significativo.

“Nosso grande desafio, enquanto educadores é buscar alternativas para aumentar a motivação para a aprendizagem.”

MATERIAL DOURADO



O Material Dourado, também denominado base 10, é um dos muitos materiais idealizados pela médica e educadora italiana Maria Montessori para o trabalho com matemática. O material é constituído por cubinhos, barras, placas e cubão, que representam, respectivamente, as unidades, dezenas, centenas e unidades de milhar. Destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e dos métodos para efetuar as operações fundamentais (ou seja, os algoritmos)

No ensino tradicional, as crianças acabam “dominando” os algoritmos a partir de treinos cansativos, mas sem conseguirem compreender o que fazem. Com o Material Dourado a situação é outra: as relações numéricas abstratas passam a ter uma imagem concreta, facilitando a compreensão. Obtém-se, então, além da compreensão dos algoritmos, um notável desenvolvimento do raciocínio e um aprendizado bem mais agradável.



experiência

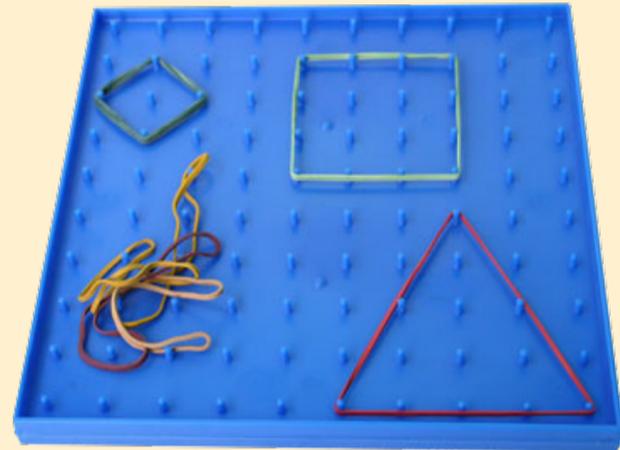
BLOCOS LÓGICOS



A Geometria exige uma maneira específica de raciocinar, explorar e descobrir, fatores que desempenham importante papel na concepção de espaço pela criança. Nas classes de Educação Infantil e séries iniciais, os blocos lógicos, pequenas peças geométricas, criadas na década de 50 pelo matemático húngaro Zoltan Paul Dienes, são bastante eficientes para que os alunos exercitem a lógica e evoluam no raciocínio abstrato.

O jogo de blocos lógicos contém 48 peças divididas em três cores (amarelo, azul e vermelho), quatro formas (círculo, quadrado, triângulo e retângulo), dois tamanhos (grande e pequeno) e duas espessuras (fino e grosso). É um material extraordinário para estimular na criança aspectos tão fundamentais como analisar, comparar, raciocinar e julgar, partindo da ação, para então desenvolver a linguagem em paralelo. Sua função é dar aos alunos ideias das primeiras operações lógicas, como sequência, correspondência e classificação. Permitem ainda o desenvolvimento da comunicação e raciocínio lógico, edificando uma estrutura sólida para as demais aprendizagens.

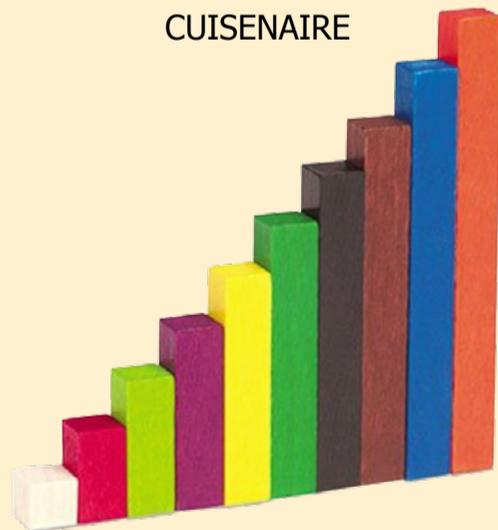
GEOPLANO



O geoplano é um material criado pelo matemático inglês Calleb Gattegno. Constitui-se por uma placa de madeira, marcada com uma malha quadriculada ou pontilhada. Em cada vértice dos quadrados formados fixa-se um prego, onde se prenderão os elásticos, usados para "desenhar" sobre o geoplano.

O geoplano é um dos recursos que pode auxiliar o trabalho da geometria, desenvolvendo atividades com figuras e formas geométricas - principalmente planas -, características e propriedades delas (vértices, arestas, lados), ampliação e redução de figuras, simetria, área e perímetro.

CUISENAIRE

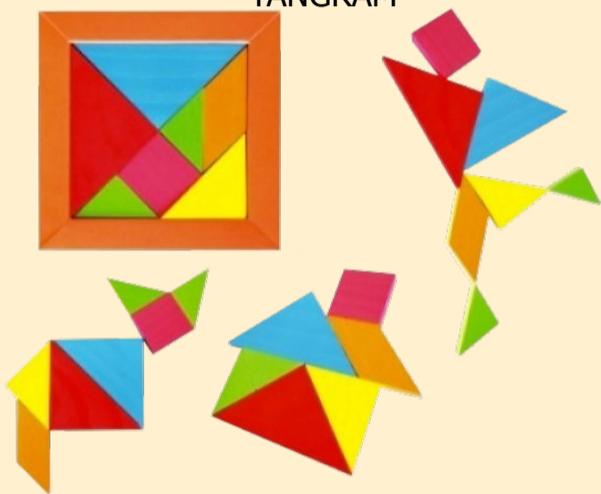


O material Cuisenaire é constituído por uma série de barras de madeira, sem divisão em unidades e com tamanhos variando de uma até dez unidades. Cada tamanho corresponde a uma cor específica. É interessante para o trabalho com frações e a matemática básica.



experiência

TANGRAM



Tangram é um quebra-cabeça chinês muito antigo formado por sete peças (5 triângulos, 1 quadrado e 1 paralelogramo). O nome significa "Tabua das 7 sabedorias".

A configuração geométrica de suas peças permite centenas de composições, tornando-o um criativo material didático. Pode ser útil como instrumento facilitador da compreensão das formas geométricas e frações (fazendo relação entre as peças e em relação ao inteiro), no desenvolvimento do raciocínio lógico e geométrico (habilidades de visualização, percepção espacial e análise de figuras) e de estratégias de resolução de problemas.

ÁBACO



O ábaco é considerado a primeira máquina de calcular inventada pelo homem. Não se sabe exatamente quando foi criado. Os romanos, na antiguidade, já o usavam, e até hoje alguns povos, como os japoneses e os chineses, ainda o utilizam. Na matemática favorece a compreensão das regras de trocas do sistema de numeração decimal.

Referências bibliográficas

GRANDO, R. C. **O jogo e a matemática no contexto da sala de aula**. São Paulo: Papyrus, 2004.

SMOLE, K. S. **Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.



GILMARA GASPAROTTO FAZAN
Professora de Matemática do 4º,
5º e 6º ano do Colégio Cristo Rei,
licenciada em Matemática pela
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho".



coluna

educando. Por esse prisma, trata-se de um currículo a valorizar a máxima: é preciso incomodar para acomodar. Etimologicamente, currículo origina-se do termo latino *scurrere*, alusão ao curso ou carro de corrida. Posto isto, é visto como o 'conteúdo apresentado' para o estudo. Entretanto, pensar o currículo torna-se a razão pela qual o professor impede que o passado seja esquecido, pois "quando o passado é esquecido, o seu poder sobre o presente é escondido"⁴.

Ademais, a própria Constituição Federal de 1988, no Título II, Dos Direitos e Garantias Fundamentais (cap. II, art. 6º) prioriza o cuidado da educação como direito social. No Capítulo III, inserto no Título VIII - Da Ordem Social – o art. 205 ressalta a educação entre os níveis dos direitos fundamentais. É de se ver que o conceito de ensino, e, sobretudo, de aula de Língua Portuguesa há de ser sempre renovado a fim de que o direito fundamental do aluno seja preservado e, concomitantemente, a missão do professor configure-se em "transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua"⁵. Em face do exposto, depreende-se como premissa maior desta breve reflexão: o ensino de Língua Portuguesa deve estar a serviço da interrupção. Será Aula Interrompida à medida que estiver comprometida com a pausa, com a conversação e, sobretudo, com desterritorialização da linguagem enquanto arte da transição.

I - DOS FUNDAMENTOS

Frise-se Maurice Blanchot⁶ como o autor que mais ênfase ofereceu ao tema da interrupção. O autor, porém, não esteve preocupado primeiramente com a interrupção.

Na verdade, ocupou-se com o que é mais peculiar ao homem, qual seja, a conversa. Viveu em um período em que prevalecia o monólogo, a ausência da interrupção, ausência da pausa, do intervalo entre um discurso e outro. Deixou-nos, por tais razões, a lição:

" quando dois homens falam juntos, eles não falam juntos, mas cada um por sua vez; um diz algo, depois para, o outro outra coisa (ou a mesma coisa). O discurso coerente que veicula é composto de sequências que, quando trocam de parceiro, interrompem-se, mesmo se elas se ajustam para se corresponder. O fato da palavra precisar passar de um para outro, seja para ser confirmada, contestada, ou desenvolvida, mostra a necessidade do intervalo. O poder de falar se interrompe (...) e essa interrupção carrega o próprio enigma da linguagem:

pausa entre as frases, pausa entre os interlocutores e pausa atenta, a do entendimento"

Conforme Blanchot, a interrupção permite a troca. Interromper-se para compreender-se, compreender-se para falar. É apenas dessa maneira que o discurso, a exposição, a apresentação torna-se diálogo, isto é, "diz-curso". Ao contrário disso, afirma, encontramos apenas monólogo. Este vem caracterizado pelo espanto do aluno ao encontrar-se frente a frente com uma língua que lhe é estranha. Oportuno lembrar que o passado, quando esquecido, o seu poder sobre o presente é escondido. É inequívoca, pois, a relevância de pensarmos a história da aula de Língua Portuguesa enquanto espaço desprovido de interrupção, senão vejamos:

AULA DE PORTUGUÊS

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério. Carlos Drummond.



coluna

Talvez seja possível caracterizar a aula do professor Carlos Góis como aula-palestra, aula-show, aula-monólogo, aula-facebook, entre outras opções. Se isso não for possível, pelo menos, depreende-se um mestre a falar e o aluno a ouvir, isto é, ausência da pausa, da conversação. Blanchot combatia essa forma de situação comunicacional, recorria a exemplos negativos como meio de alertar a sociedade de seu tempo:

"Lembremos os terríveis monólogos de Hitler e de qualquer chefe de Estado, se ele goza do fato de ser o único a falar e, gozando de sua elevada palavra solitária, impõe aos outros, sem vergonha, como uma palavra superior e suprema, participa da mesma violência do dictare, a repetição do monólogo imperioso (...) a interrupção é necessária em toda sequência de palavras; a intermitência torna possível o devir".

Ponderando sobre o exercício da linguagem, Deleuze (2003) revela ser a língua um processo. Cumpre ressaltar: um devir intenso, que não se trata de obedecer a uma regra gramatical. Não se conforma com o imitar um modelo, ao fazer como, ao conformar-se com o estabelecido. Trata-se de encontrar a língua de fuga, a desterritorialização absoluta da própria linguagem. Atualmente, Petronílio⁷ (2011) vem retomando Deleuze a fim de explicar o exercício da linguagem, sobretudo, na literatura. É próprio do autor literário usar a língua, criá-la e recriá-la, fazendo da mesma uma língua maior. Exemplifica com Guimarães Rosa, pelo fato de ter criado uma nova língua dentro de sua própria língua. O papel de Guimarães, conclui o autor, foi o de embaralhar os códigos da Sintaxe e Morfologia para pensar a própria língua. Analogamente, o ensino de Deleuze focaliza o língua de fuga, isto é, ausência de território, buscando a reflexão constante. Efetiva que o trabalho com língua exige um salto, um diálogo com "o fora", driblando os códigos, embaralhando-os, dificultando-os, confundindo-os para melhor pensá-los, conhecê-los e fundamentá-los.

Nesse diapasão, Machado de Assis, nas crônicas jornalísticas de A Semana⁸, configura-se como convite ao conhecimento, à compreensão do labor linguístico e, dessa forma, meio de construirmos um diálogo com a nossa missão, qual seja, a Aula a serviço da interrupção, do salto, da fuga e da fundamentação. As crônicas de A Semana realizam-se por meio de conversa. Entretanto, nada é gratuito em Machado de Assis. A conversa sempre será o convite ao desequilíbrio, em que segue interrompendo-se, às vezes, sem que o próprio leitor perceba. Ora, o processo de ruptura não está na palavra, mas no pro-

cesso narrativo, conhecido como "arte das transições". Entendamos, pois, a necessidade do cronista, a saber, transformar o espaço da crônica em conversa com o leitor e com as características do jornal de seu tempo. A chave para a compreensão de seu texto está na tese de que só podemos depreender bem a sua conversa se a cada vez que ele afirmar algo, buscarmos outra conversa com a qual essa afirmação se relaciona. O mérito machadiano foi o de revelar que, nessa ruptura, a crônica deixa de ser mero entretenimento e passa a ter o estatuto de protagonista, travando uma luta com o próprio jornal. Esperava-se que o cronista apresentasse os comentários da semana. Todavia, sua conversação vai além, pois seu relato instaura a discussão em outro nível, "o fora".

Posto isto, não há de se olvidar que o cronista possa trazer luz ao pensamento da Aula a serviço da interrupção, sobretudo, ao analisarmos seu percurso de conversação, a saber, a estratégia de voltar-se às miudezas da rua, conforme nos diz "gosto de catar o mínimo e o escondido (...) apertei os meus olhos para ver cousas miúdas (...) onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto"⁹. Assim sendo, por ser um cronista identificado com as miudezas da rua, por não vê-la como mero lugar de passagens das pessoas, consegue acessar um cotidiano que está despercebido, encoberto pelos graves acontecimentos de seu tempo. E para asseverar a necessidade de recorrer ao estilo do cronista como sustento ao nosso labor, observemos:

"As crônicas escritas há mais de cem anos, por um cidadão chamado Machado de Assis estão hoje vivas como naquele tempo. Os acontecimentos perderam a atualidade, mas a crônica não perdeu, porque ela traduz uma visão tão sutil, tão maliciosa, tão viva da realidade, que o acontecimento fica valendo pela interpretação que Machado de Assis deu"¹⁰.

II - DA SINGULARIDADE

E para que esta tese, Aula a serviço da interrupção, que só está provada na teoria, "veja-se com os olhos e se apalpe com as mãos", desçamos a exemplos particulares, e ponhamo-la, para a maior clareza, nas matérias mais familiares e usuais, isto é, na forma como os Vestibulares/2014 vêm dialogando com a Língua Portuguesa.

A) FUVEST/2014 - 2ª FASE

1 - "Considerando-se que o verbo na frase - "man-



de-me dinheiro” do telegrama está no imperativo, se essa mesma frase fosse dita em conversa telefônica, haveria possibilidade de o pai entendê-la de modo diferente”?

O exercício em tela pode dar ensejo a discussões sobre as competências e habilidades do aluno com a língua a fim de responder com eficácia. Ora, nesta breve reflexão, direciona-nos o fato de valorizar a aula como espaço da conversação. O exercício sob exame nega a Aula-palestra, afasta a Aula-Monólogo, questiona a Aula-facebook e, por fim, inibe o modelo Teoria - Exemplo - Exercício. Afigura-se inequívoca a ideia de o professor, mediador da Aula a serviço da interrupção, ser consciente da missão de conversar sobre o emprego do Verbo no Imperativo, porém, à maneira do cronista machadiano, provocar um cotidiano até então despercebido. Não é possível ensinar Verbo no Imperativo sem a pausa, sem o intervalo, sem a interrupção. Do cronista machadiano aduz-se que não se pode pensar o Verbo no Imperativo pela regra, pelo que está posto. Vale ratificar a presença pressuposto, da fuga. Há de falar das miudezas do cotidiano, porque é nele que perceberemos as várias formas de usar a língua portuguesa. Ao introduzir o tema Verbo no Imperativo, o que espera o aluno? a explicação, obviamente. Entretanto, será à maneira do colibri, saltando de um ponto a outro; apresentando-lhe o (des)conversar infinitamente sobre o assunto. É o que Deleuze chama de a língua enquanto fuga, a dialogar com “o fora”. Assume-se, pois, a postura de Bechara, a saber, possibilitar ao aluno escolher a língua funcional adequada a cada modalidade da comunicação, a cada momento de criação, “Como, de manhã, a pessoa abre o seu guarda-roupa para escolher a roupa adequada aos momentos sociais que ela vai enfrentar durante o dia, assim também, deve existir, na educação linguística, um guarda-roupa linguístico, em que o aluno saiba escolher as modalidades...”¹¹.

Em decorrência do exposto, no telegrama, a roupagem linguística é ríspida, grave, severa; todavia, ao telefone, usa-se outra roupa, menos pesada, menos dura: Papai, mande-me dinheiro por favor.

2 - EXERCÍCIO - FUVEST/2014

Explique a frase (de Fernando Pessoa): “O HOMEM VIVE A PRINCÍPIO UMA VIDA EXTERIOR, E MAIS TARDE UMA INTERIOR”

O exercício, no caso vertente, problematiza o estudo que o aluno teve, isto é, o caminho da aula de texto, leitura e interpretação. Objetiva uma aula na qual se proponha o Currículo em Mudança, a romper com a passividade do aluno. A ideia tradicional de currículo ocupa-se em transmitir as características de Fernando Pessoa, sua fase e vida. Isso é bom, mas é monólogo. Ademais, o convite à leitura também deve estar a serviço da interrupção, pois “ler textos é uma questão de lê-los à luz de outros textos, pessoas, informações, ou o que for, e depois ver o que acontece”¹². A Aula a serviço da interrupção desperta no aluno um convite a pôr esse texto em outro contexto. É o labor machadiano, a explicação não está exatamente ali, está a fugir, está “fora”. Opera-se um salto, ou seja, como se a conversa estivesse sendo travada, por exemplo, entre o texto de Fernando Pessoa e o gênero facebook. De início, imaginemos Fernando Pessoa visualizando um estado facebook, isto é, possui de início a sua atenção voltada ao exterior, para os outros, para a aparência; mais tarde, bem mais tarde, um pouco mais tarde, volta-se a si enquanto ser, enquanto consciência, enquanto orgulho. É o que se esperava do comando da questão. Construindo, enfim, a ideia de texto por meio da desterritorialização talvez tenha o aluno mais eficiência na interpretação.

3 - EXERCÍCIO - FUVEST/2014

APONTE DOIS RECURSOS EXPRESSIVOS EMPREGADOS PELO POETA NA EXPRESSÃO “TERRÍVEL PRENDA”

Logo de início, o vestibulando encontra um adjetivo “terrível”. Ora, a nomenclatura é importante, não resta dúvida; todavia, exigia-se do aluno reflexão sobre o emprego do adjetivo em várias situações do cotidiano. Antes, provocava-o acerca da intimidade, familiaridade com a expressão “recursos expressivos”. A esse patamar de nossa conversa já é possível vislumbrar o papel do professor como responsável pelo guarda-roupa linguístico do educando. Camilo Castelo Branco questionava a tradição de obrigar o cronista a manter invariáveis os adjetivos diante de alguns substantivos, repreendia-a: “a cantora será sempre mimosa”; “o jornalista será sempre consciencioso”; “o negociante será sempre honrado”; “o caluniador será sempre infame”(…)



coluna

A *Aula a serviço da interrupção* força-me interromper essa conversa a fim de expor a preocupação da fundação Gulbenkian, em Lisboa, janeiro de 2014, acerca do uso da língua portuguesa.

Teve como mote a música de Caetano Veloso **“O que pode uma língua?”** Para uns tudo, para outros nada (pelo meio fica Nuno Artur Silva, fundador da agência Produções Fictícias, a garantir que “haveria tanto a dizer sobre o assunto e os seus múltiplos sentidos...”). No colóquio de segunda e terça-feira, em Lisboa, a Fundação Calouste Gulbenkian juntou profissionais de várias áreas, da música à literatura, passando pelo teatro, a dança e o cinema, sem esquecer os programadores, para debater as potencialidades criativas da língua portuguesa.

O que é que só se pode dizer em português? Esta é uma língua estranha para quem compõe? Que dificuldades enfrenta quem a traduz? E como explicar a um americano que uma palavra pode ter muitos sentidos lá dentro? Ver mais <http://www.publico.pt/cultura/noticia/e-na-cancao-popular-brasileira-que-melhor-se-ve-a-libido-da-lingua-portuguesa-1621591>.

Assim sendo, é por meio de uma (des)conversa sobre o emprego das palavras que poderia levar o educando a perceber um adjetivo de conotação negativa – terrível – a censurar um substantivo de significação positiva, prenda. Encontramos, pois, uma metáfora da vida, prenda, sendo definida por um adjetivo “terrível”, instaurando um verdadeiro oxímoro. (.....)

III - DA CONCLUSÃO

Não há falar em conclusão, tampouco em simplificação de um tema posto em discussão, uma vez que o fazer pedagógico opera-se pela ausência de conformismo com o estabelecido. O compromisso da Aula a serviço da interrupção está na problematização, no desconforto, no confronto entre saber espontâneo, advindo da experiência direta, e o saber científico, historicamente elaborado e a elaborar-se pela humanidade. A aula enquanto (des)conversa, espaço para usá-la e recriá-la, espaço, sobretudo, movediço, sempre à busca de uma saída. Renato Janine Ribeiro¹³ relata a afirmação de Stendhal, segundo o qual os cortesãos reunidos em Versalhes por Luís XVI, por serem obrigados a ficar lá o dia todo, ou achavam assunto ou morreriam de tédio. Assim, diz ele, nasceu a arte da conversa. Temas pequenos, leves, mas sobretudo agradáveis começaram

a constituir um ponto de encontro de seus desejos e interesses. Enfim, o papel da disciplina de Língua Portuguesa expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais consubstancia-se na produção de linguagem. Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa (des)dizer alguma coisa para alguém. Para fundamentar o nosso compromisso com a Aula a serviço da interrupção, não nos esqueçamos, enfim, do conselho de Deleuze, qual seja, “a linguagem exerce poder e autoridade sobre nossos alunos. O professor fala, ele ‘ensigna’, dá ordem, comanda. A linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer. A linguagem não é a vida, ela dá ordem à vida, a vida não fala, ela escuta e guarda”. É preciso ter em mente o professor como pesquisador, como alguém que, percebendo um problema em seu meio, pensa que a situação poderia ser melhor compreendida ou resolvida, caso fossem encontradas explicações ou soluções para a mesma.

Referências bibliográficas

1. Parecer nº3/98/ Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.
2. SENADO FEDERAL/CEGRAF, Lei nº 9.394, 1996, Brasília, 1997.
3. GOODSNO, Ivor F. O Currículo em Mudança: Porto Editora, 20001.
4. ----- idem
5. BASTOS, Neusa Barbosa et. Alii. Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara, Nova Fronteira, RJ, 2008.
6. BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita: Escuta, São Paulo, 201.
7. PETRONILIO, Paulo. Gilles Deleuze e as Dobras do Sertão. PUC-GO: kelps, 2011
8. GLEDSON, John (Ed.), A Semana: Hucitec, São Paulo, 1996.
9. CRUZ JÚNIOR, Dilson Ferreira da. Estratégia e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis: Nankin, São Paulo, 2002.
10. ANDRADE, C. Drummond de. Uma prosa com Carlos D. Andrade. Caros Amigos Nº9, p.12-15, ago. São Paulo, 1999.
11. BASTOS, Neusa Barbosa et alii. Op. Cit.
12. RORTY, Richard. A Trajetória do Pragmatista. In: ECO, Humberto. Interpretação e superinterpretação. Martins Fontes, São Paulo, 1993.
13. RIBEIRO, Renato Janine. A Ética na política. Lazuli, São Paulo. 2006.



PROF. ERNALDO FRANCISCO DOS SANTOS
Mestre em Comunicação e Professor de Língua Portuguesa no Ensino Médio

opinião



Sobre a importância da literatura

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
(...)*

*A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!*

*(Cecília Meireles,
Romanceiro da Inconfidência.)*



“Mas para que serve, afinal, a literatura?” Para um leitor soa quase incompreensível esse questionamento sobre a importância ou necessidade da literatura e dos livros de ficção. No entanto, essa pergunta é muito comum e escritores e críticos intentaram respostas e formularam reflexões sobre ou a partir dela. No adolescente do ensino médio, ela aparece como uma espécie de confissão desanimada – mas sempre um pedido de ajuda – diante das longas listas dos vestibulares, como se os livros de ficção tivessem sido escritos para o vestibular somente.



opinião

Entre tantas respostas sobre a utilidade e a finalidade da obra de arte – no caso a literatura – destaca-se, pela importância e atualidade – não obstante ter sido formulada há um certo tempo – a de Antonio Candido, professor emérito da USP, crítico literário e sociólogo: a função da literatura é saciar a necessidade de ficção, mas também humanizar em sentido profundo: “Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, A. O direito à literatura. Vários escritos. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004. p.180).

Desse modo, a literatura é capaz de conduzir o homem à reflexão sobre os próprios direitos humanos, ao apresentar o bem e o mal, a verdade e a mentira, a miséria e a pobreza, a pureza e a depravação, a escravidão e a liberdade, a beleza e o grotesco, o amor e o ódio, a impiedade mais extrema e a solidariedade, heróis e vilões, altos e baixos como a própria vida, em sua complexidade e paradoxos. Quanto mais uma obra – com suas situações complexas e variadas e personagens inesquecíveis - se aproxima dessa riqueza de vivências – sem deixar de lado, obviamente, as qualidades artísticas – mais qualidades apresenta, porque capaz, então, de “humanizar”, além de saciar a necessidade de ficção.

“a literatura é capaz de conduzir o homem à reflexão sobre os próprios direitos humanos, ao apresentar o bem e o mal, a verdade e a mentira, a miséria e a pobreza...”

Assim, pela leitura de “Crime e castigo”, de Dostoievski, vivenciamos, de um modo único, com o jovem Raskólnikov, as angústias morais, o sofrimento e a tortura do homem diante do bem e do mal a escolher, cada um com suas consequências. A partir da transformação absurda de Gregor Samsa, em A metamorfose, de Franz Kafka, contemplamos a violência disfarçada da discriminação e da solidão que mata.

Como não se indignar com a obsessão de Javert em destruir Jean Valjean em Os miseráveis, de Victor Hugo? Como não rir e ao mesmo tempo se enternecer com as confusões de Dom Quixote e Sancho, com a ingenuidade de Macabea em A hora da estrela, de Clarice Lispector? Uma criatura assustadora como Frankenstein questiona a onipotência megalomaniaca da ciência. O eternos pares românticos – ou não – como Romeu e Julieta, Bentinho e Capitu, Bertoleza – que prefere o suicídio à prisão – e o mesquinho João Romão, Beatriz e Dante, Iracema e Martim... comovem-nos em sua busca de felicidade e realização afetiva.

Camões e Vinícius de Moraes cantaram o amor e a vida e nos expõem, de forma inesquecível, à força e à beleza da língua portuguesa, assim como Fernando Pessoa, Manuel de Barros, Paulo Leminski, Adélia Prado, Manuel Bandeira, Castro Alves, Cora Coralina, Ana Cristina César, José Paulo Paes, João Cabral de Mello, Carlos Drummond de Andrade... Quantos livros fabulosos poderíamos apontar, que propõem temas instigantes, que descrevem lugares exóticos e narram aventuras incríveis, ou ainda nos fazem repensar a própria realidade!

São muitas obras e autores, em prosa e poesia, teatro, romances e contos. O que foi citado é muito pouco. Mas se há uma arte, uma literatura, que por suas qualidades, deixa o humano mais humano, infelizmente existe também aquela que não humaniza, não forma o homem, não confirma, em cada um, aquilo que é próprio do humano. Uma literatura pífia, aguada, insossa, com finalidades meramente comerciais, produzida em série – mera cópia – para atender em tudo o gosto mediano, sem originalidade, sem novidades e espantos, que agrada, mas adormece e vicia. Essa literatura se propõe a solucionar – por receitas - toda gama de problemas e angústias que perturbam a sociedade moderna e o homem, começando pelos problemas financeiros do autor e das editoras.

Diante do esgoto cultural que é despejado a cada segundo sobre nossas crianças e jovens, sobretudo via TV e internet, essa capacidade humanizadora da literatura torna-se ainda



opinião

mais relevante, assim como a da escola, da biblioteca e dos professores. Cabe à instituição e ao professores acreditar, mais que nunca, na força dos livros, propor e seduzir o aluno com textos instigantes, de qualidade, de autores e pensadores fundamentais, sem facilitações, mas também sem tortura ou terror. Termino citando e homenageando um intelectual brasileiro dos mais originais e combativos, Osman Lins, professor universitário em Marília e escritor de ficção, autor de peças de teatro, romances e contos, como Lisbela e o prisioneiro, Avalovara, Nove, novena, A rainha dos cárceres da Grécia e outras obras, e de ensaios polêmicos sobre um processo muito avançado no Brasil, o do aviltamento dos estudos e da vida acadêmica, com a conseqüente "imbecilização" do estudante. Analisando livros pedagógicos, gramáticas e manuais de língua e literatura usados da década de 70, apontou justamente a ausência absurda, nessas obras que se propunham a "formar" o gosto literário do jovem, de textos e autores de qualidade, "os que com maior vigor têm fixado em suas obras a realidade nacional e a situação do homem perante o mundo" (LINS, O. Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros. São Paulo, Summus, 1977. p. 19).



JOSÉ MARCEL LANÇA COIMBRA
Professor de Português do Colégio Cristo Rei.

resenhas

e sugestões



Filme: Vermelho Como o Céu

Vermelho Como o Céu, filme de Cristiano Bortone, é um drama baseado na história de vida real de Mirco Mencacci, renomado sonoplasta da indústria cinematográfica italiana. No enredo, Mirco Balleri é filho único de uma família humilde que vivia em uma pequena cidade da Itália. Como quase todo garoto de 10 anos, adorava brincar com seus amigos e passear com o pai, que, sempre que podia, levava o garoto ao cinema. E esses passeios criaram, não só o hábito, como também o encantamento do menino por este tipo de arte.

Um dia, em uma de suas peraltices, Mirco sofre um acidente em casa e fica parcialmente cego. De acordo com as leis da época, as crianças com deficiência visual eram enviadas para colégios internos; por isso, sua permanência na escola da cidade é recusada e os pais se veem obrigados a enviar o filho para um internato em Gênova.

Nesta nova escola, eles se deparam com a figura de um diretor austero, que tira do menino as esperanças de um futuro de sua livre escolha em função de sua limitada visão. Durante as aulas, Mirco se recusa a aprender o braile, mas, mesmo assim, seu professor o trata com compreensão. Incentivado por este, o garoto resolve fazer um trabalho solicitado em sala, mas o faz de forma diferente: com um gravador que encontrara, casualmente, no colégio.

O professor escuta o trabalho de Mirco e se encanta com o seu talento. O aparelho é confiscado pelo diretor. A partir deste momento, o garoto passa a contar com o apoio e a sensibilidade do professor, que o presenteia com um novo gravador e o incentiva a pesquisar novos sons e, em troca, a aprender o braile.

Mirco aceita e, junto com a filha da zeladora, iniciam secretamente a gravação de uma história com efeitos sonoros para apresentá-la no final do ano. Como ela enxerga normalmente, ele põe em questão seus próprios limites e passa a se dedicar aos estudos e à pesquisa de sons.

A partir dessas aventuras secretas, Mirco vai colocando em prática sua perspicácia de captar sons, experiência que acaba envolvendo vários outros

meninos e faz crescer sua paixão pelo cinema. Nesses encontros, eles aprendem que o tremular de uma bandeja reproduz o som do trovão, o assoviar em uma garrafa representa o som do vento e o estalar do dedo indicador de uma mão na palma de outra mão molhada lembra o som da chuva caindo. Enfim, com o apoio dos colegas do colégio, um mundo de possibilidades e sons começa a fazer senti-



do para ele, que, passa montar uma narrativa sonora com os signos audíveis. Esse projeto transforma-os, gradativamente, em seres pensantes, questionadores, sonhadores e cheios de esperança.

Uma cena que merece destaque é a de Mirco descrevendo a Felice (cego de nascença) como são as cores. Segundo ele, o azul é como sentir o vento bater em seu rosto ao andar de bicicleta; marrom é como o tronco de uma árvore e vermelho é como o fogo, quente assim como fica o céu ao pôr-do-sol.

Analisando toda a trajetória de Mirco, observamos que vários elementos foram importantes para que ele pudesse ser



resenhas e sugestões

Ficha técnica

Título da obra: Vermelho como o céu
 Título original: Rosso come il cielo
 Gênero: Drama
 Direção: Cristiano Bortone
 Ano de produção: 2006

o entendimento de que, embora diferentes, os deficientes visuais podem enxergar mais longe que a maioria. Como disse o Professor Don Giulio, precisamos aprender a usar os outros sentidos. Caso contrário, perderemos nossa liberdade e desenvolveremos possíveis limitações. Embora bastante previsível em muitos aspectos, indico este filme, pois, apesar de a história ser um exemplo de superação, ela nos mostra principalmente a possibilidade de outros caminhos e nos faz

protagonista de sua história. A perseverança, a determinação e a ousadia não foram castradas de seu convívio social. Os pais sempre se mostraram como motivadores do desenvolvimento dele. Em uma das cenas iniciais podemos ver a mãe reclamando do fato de ele quebrar (desmontar) todos os brinquedos para depois tornar a consertá-los. Apesar de ser uma "arte" comum das crianças, essa curiosidade lhe foi permitida sempre.

Como os pais apoiavam as suas descobertas, o que pode ter facilitado o interesse dele por equipamentos eletrônicos, um velho gravador passou a ser útil a ele no momento de sua revolta contra a cegueira total. Nesse momento de escuridão, isolamento e afastamento dos pais, o aparelho abre para ele um mundo de possibilidades. Aqui vale ressaltar, também, que quando ele vence os próprios medos e ousa, isso contribui para fortalecer a postura do Professor Don Giulio, que, mesmo adepto de novas ideias educacionais, não tinha coragem de quebrar as regras rígidas do colégio e enfrentar o comportamento autoritário do diretor.

Enfim, esse filme nos leva a repensar nossa prática como educadores e a refletir sobre nossos medos de enfrentar os desafios frente às imposições estruturais e sociais. As reflexões são muitas. A cena final dos pais, com olhos vendados, assistindo ao espetáculo, provoca-nos um olhar diferenciado e

refletir sobre nossa eventual incapacidade de reconhecer barreiras sociais e estruturais que limitam nossa objetividade e o nosso poder de transformação.

Além dessas qualidades, esse filme, se observado por um olhar pedagógico mais atual, pode se tornar uma excelente ferramenta didática a ser utilizada em sala de aula como intermediário para uma posterior discussão sobre preconceitos, discriminações e educação inclusiva. Hoje, embora, quase todas as escolas incorporem o termo "inclusão" no discurso e na proposta pedagógica, na prática, muitas ainda são pseudoinclusivas, ou seja, são inclusivas não-praticantes. É possível, sim, acolher todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino e mudar a sociedade gradativamente. Vermelho como o céu: filme reflexivo e emocionante e, portanto, recomendável. Piegas, é verdade, mas verdadeiro.



PROFª ELIANA N. DE LIMA PASTANA
 Professora de Redação do Colégio Cristo Rei



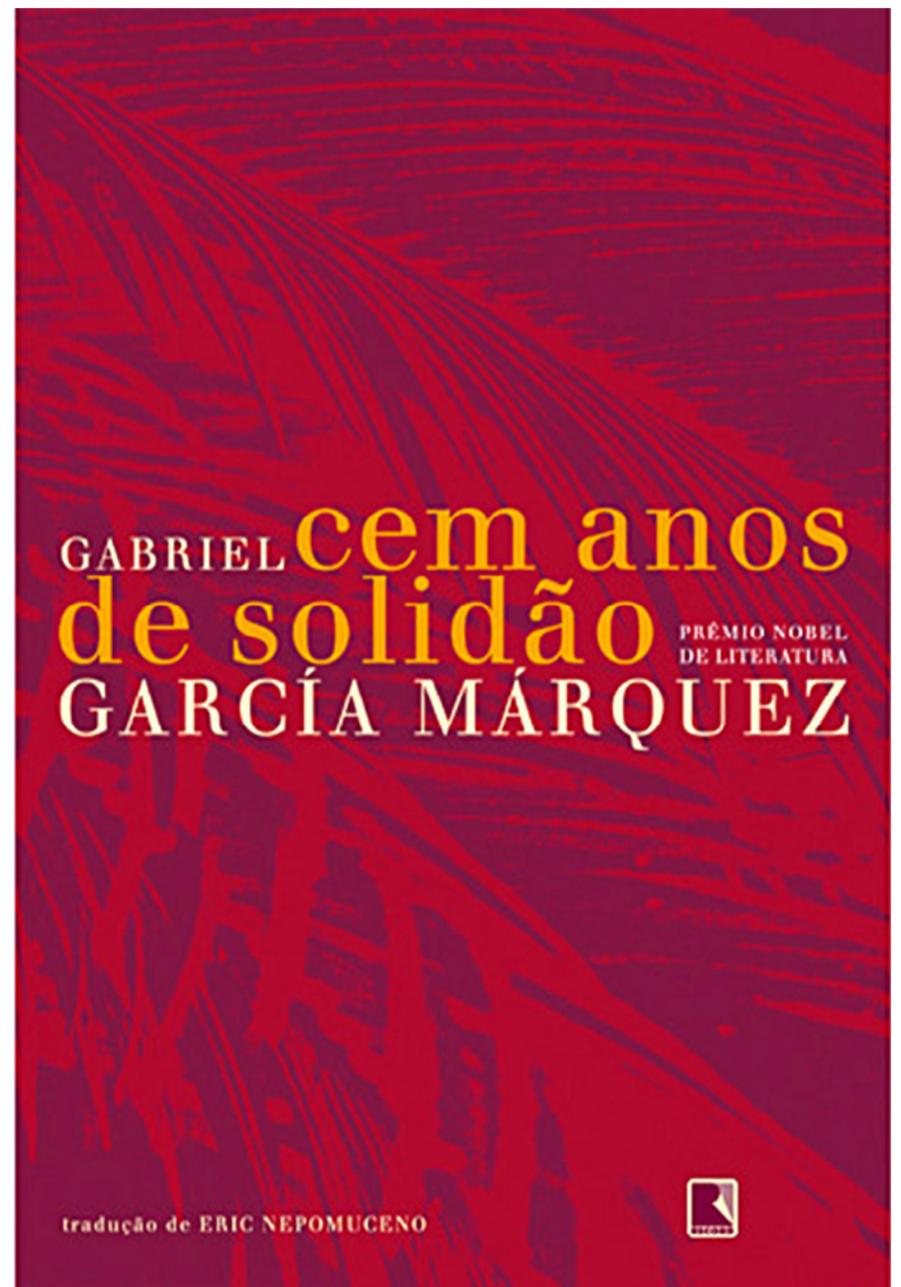
resenhas e sugestões

Cem Anos de Solidão

A minha sugestão para os jovens e adultos é o livro Cem Anos de Solidão do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Lançado em 1967, o livro logo tornou o colombiano uma celebridade mundial, o qual quinze anos depois, em 1982, receberia o Prêmio Nobel de Literatura. Atualmente é considerada uma das obras mais importantes da literatura latino-americana.

Utilizando o estilo conhecido como realismo mágico, a história se passa na aldeia fictícia de Macondo, fundada pela família Buendía – Iguarán. A primeira geração desta família peculiar é formada por José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán. Este casal teve três filhos: José Arcadio, que era um rapaz forte, viril e trabalhador; Aureliano, que contrasta interiormente com o irmão mais velho no sentido em que era filosófico, calmo e terrivelmente introvertido; e por fim, Amaranta, a típica dona de casa de uma família de classe média do século XIX. A estes, junta-se Rebeca, que foi enviada da antiga aldeia de José Arcadio e Ursula, sem pai nem mãe.

A história desenrola-se à volta desta geração e dos seus filhos, netos, bisnetos e trinotos, com a particularidade de que todas as gerações foram acompanhadas por Úrsula. Todos em luta contra uma realidade truculenta, excessiva, sempre à beira da destruição total.



Ficha Técnica

Título: Cem Anos de Solidão
Autor: Gabriel García Márquez
Tradução: Eric Nepomuceno
Introdução : Eric Nepomuceno
Projeto gráfico: Eric Nepomuceno
Editora: Record
Edição: 1
Ano: 2009
Idioma: Português
Especificações: Brochura | 448 páginas



resenhas e sugestões

Alice no País das Maravilhas

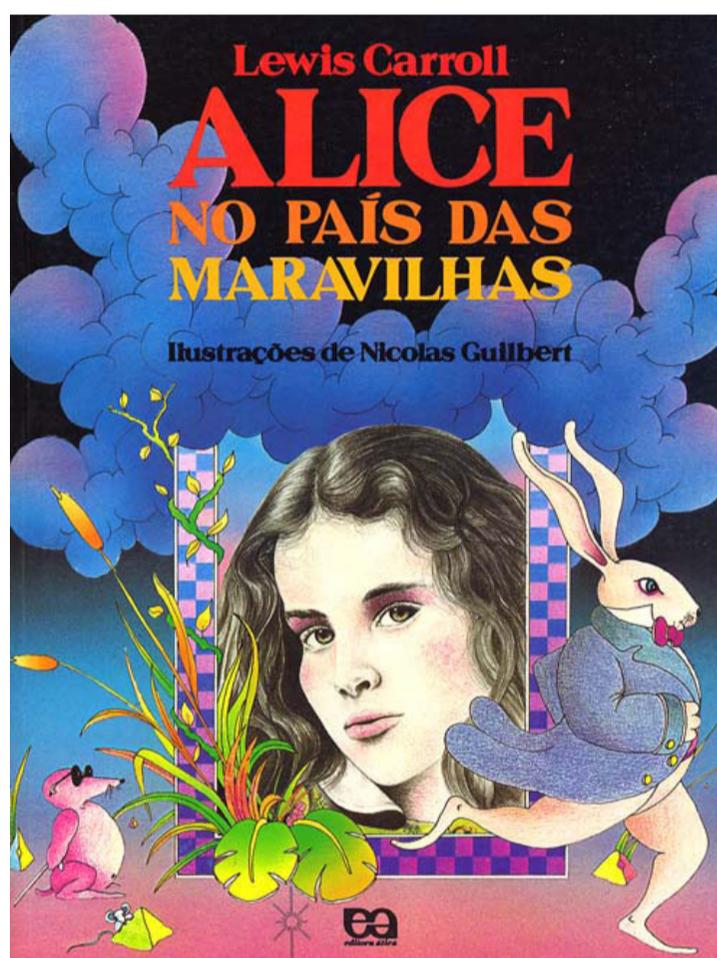
Alice no País das Maravilhas é a obra mais conhecida de Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll. Publicada em 1865, é uma das obras mais célebres do gênero literário nonsense (sem-sentido, absurdo). O elemento maravilhoso na narrativa é algo mágico que, de repente, se manifesta em meio ao universo cotidiano.

Clássico traduzido em diversas línguas, com inclusive adaptação para o cinema, o livro conta a história de uma menina chamada Alice que, ao cair numa toca de coelho, é transportada para um lugar fantástico, povoado por criaturas peculiares e antropomórficas, revelando uma lógica do absurdo, característica dos sonhos.

O sonho-viagem da personagem para o país das maravilhas pode ser um retrato das fantasias que vão sendo deixadas de lado ao se tornar adulto, sendo nada mais que um recado para a revalorização da imaginação.

O livro gerou polêmica por seu tom crítico aos valores perdidos e ao resgate da infância, além de enigmas com referências lingüísticas e matemáticas. É assim uma obra de difícil interpretação, por conter dois livros num só texto: um para crianças e outro para adultos.

Este clássico maravilhoso entra na lista dos livros que NÃO PODEMOS deixar de ler, seja por sua fantástica história, ou por sua qualidade literária e artística, ele permanecerá em nossa memória para sempre!



Ficha Técnica

Título: Alice no País das Maravilhas
Autor: Lewis Carroll
Ilustração: Nicolas Guillbert
Editora: Editora Ática
Edição: 5
Ano: 2005
Idioma: Português
Especificações: Brochura | 120 páginas

MARIA CAROLINA DEVITO DAVOLI
Graduada em Letras (português/inglês) pela UEL. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários aplicados ao ensino de Língua Portuguesa pela Unisul. Professora de gramática, literatura e redação do Ensino Fundamental II e Médio na rede particular.



redações

de alunos



- 27 Paródia do poema Canção do Exílio, de Gonçalves Dias
CANÇÃO DA POLUIÇÃO
Maria Júlia Zimiani - Aluna do 9º ano do Ensino Fundamental
- 28 Paródia do poema Quadrilha, de Carlos Drummond de Andrade
QUADRILHA DO BULLYING
Rafaela Ribeiro - Aluna do 9º ano do Ensino Fundamental
- 30 Gramática interfere nas relações
Giulia Múrcia Rodrigues - Aluna da 1ª série do Ensino Médio
- 31 Carta argumentativa
Carlos Germano Souza Palú - Aluno da 1ª série do Ensino Médio
- 32 Copa, protestos e novelas.
Caio Ferreira Nicolau - Aluno da 2ª série do Ensino Médio
- 33 Passei no Vestibular
Lorena Prohmann - Aluna da 2ª série do Ensino Médio
- 34 Preconceito
Ana Clara Benites Dias - Aluna da 2ª série do Ensino Médio



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

PARÓDIA é a recriação de viés crítico, com intenção crítica, cômica ou satírica. Na paródia, o texto fonte não é apenas o ponto de partida. Ele permanece entrevisto no espaço do texto recriado, sem o que se perde o efeito de sentido da paródia.

Com base na definição anterior, redija uma paródia, inspirando-se nos poemas CANÇÃO DO EXÍLIO ou QUADRILHA

(Paródia do poema Canção do Exílio, de Gonçalves Dias)

CANÇÃO DA POLUIÇÃO

*Minha terra tem poluição
Onde reinam os lixões
Os papéis que voam por lá
Não voam como cá.*

*Nosso vento tem mais cor
Nossas várzeas não têm mais flores
Nossas ruas mais sujeiras
Nossa vida mais preocupações.*

*Em cismar, sozinho, à noite
Um jeitinho hei de encontrar eu cá
De acabar com a poluição
Que reina nos lixões de lá.*

*Minha terra não tem primores
Que tais encontro eu cá
Minha terra tem poluição
Onde reinam os lixões.*

*Não permita, Deus, que eu morra
Sem que um jeito eu possa encontrar
Sem que eu ainda salve as florestas
Que eu hei de ajudar a plantar.*



Maria Júlia Zimiani
Aluna do 9º ano do Ensino Fundamental



redações de alunos

(Paródia do poema Quadrilha, de Carlos Drummond de Andrade)

QUADRILHA DO BULLYING

João xingava Maria, que xingava Raimundo, que xingava Teresa, que xingava Joaquim, que xingava Lili que não xingava ninguém.

João assumiu a culpa, Maria ficou de castigo, Raimundo desculpou-se, Teresa sumiu, Joaquim casou-se com Júlia, que nem tinha entrado na história, e Lili se matou.

Rafaela Ribeiro
Aluna do 9º ano do Ensino Fundamental



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque destes textos é a capacidade criativa das alunas na construção de um poema baseado em outro, compondo uma paródia, com versos bem articulados, numa sequência lógica e coerente. É interessante considerar, também, a capacidade dela sem emitir uma opinião sobre certa realidade social recorrente em nosso cotidiano, sem repetir ideias comuns. Embora seja uma produção simples, ambos os poemas possuem rimas e ritmo cadenciado. Parabéns!



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

Introdução

A UFU é uma Universidade Pública Federal localizada em Uberlândia, Minas Gerais. O vestibular 2014 foi realizado em duas fases: a primeira, com questões de múltipla escolha e a segunda, com questões discursivas e uma prova de Redação.

Na prova de Redação são exigidos os seguintes gêneros: notícia, relato de experiência vivida, carta argumentativa, carta pessoal, editorial, texto de opinião ou resumo e são apresentadas três situações que servirão de motivação para o texto a ser produzido. O candidato deverá optar por uma delas.

De acordo com a banca avaliadora dessa instituição, a redação deverá ser redigida de acordo com uma das três situações apresentadas na prova e o candidato deve ser capaz de, minimamente, selecionar e organizar fatos, informações, dados, conceitos ou ideias que possam ser considerados relevantes ao tema proposto. A organização lógica e coerente das ideias deve se concretizar pela distribuição adequada das ideias em períodos e parágrafos; pelo emprego apropriado dos recursos oferecidos pela língua tanto para expressar ideias e aspectos da interação comunicativa, quanto para relacionar termos, períodos, parágrafos e quaisquer outros segmentos do texto; pelo uso adequado das estruturas da língua padrão; pelo emprego correto da ortografia oficial; enfim, pelo uso adequado da linguagem de forma significativa, em um contexto específico e para um fim específico.

Nossos alunos da 1ª série do Ensino Médio, na oficina de redação, tiveram acesso à prova vestibular 2014. Nela havia uma coletânea composta por dois textos (A graça de trabalhar de graça, As regras da atração) e um infográfico (Do que eles gostam). Nesta prova, o aluno poderia optar pelos seguintes gêneros textuais: notícia, texto de opinião ou carta argumentativa.

Veja, a seguir, dois textos dessa proposta produzidos por alunos da 1ª série do Ensino Médio.





redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

Redija um TEXTO DE OPINIÃO, evidenciando sua posição sobre o fato de alguns norte-americanos escolherem potenciais parceiros, levando em conta a familiaridade deles com a norma padrão.

Gramática interfere nas relações

Norte-americanos solteiros elegem erros de gramática como principal critério a atrapalhar um primeiro encontro com potenciais parceiros. Segundo pesquisa da empresa de marketing on-line Market Tools, divulgada no começo do ano de 2013, realizada com 5.481 adultos com mais de 21 anos, a língua, com 55% da preferência, fica atrás apenas do critério "estado dos dentes da pessoa" que, com 58%, está em primeiro lugar na lista dos "requisitos obrigatórios" a serem analisados em um primeiro encontro.

Para a surpresa de todos, a falta de familiaridade com o padrão do idioma diz respeito, principalmente, ao conhecimento gramatical, associado a uma boa desenvoltura e ao desenvolvimento intelectual da pessoa. "Ter desenvoltura com o idioma faz a pessoa conversar melhor, namorar melhor, trabalhar melhor e ficar bem em qualquer situação em que está inserido", disse à Revista Língua, o apresentador Marcelo Tas. Segundo ele, erro de português grave e reiterado está, sim, relacionado ao convívio social, podendo até incomodar e prejudicar uma aproximação promissora entre casais.

A linguagem muito formal, quando usada, por exemplo, em uma conversa de bar, pode atrapalhar as relações pessoais. Se a pessoa está entre amigos ou com parceiro, pode tornar-se "o chato da mesa". Por outro lado, se ela utiliza uma expressão coloquial, com expressões consideradas fora da convenção estabelecida por um dado meio, pode indicar falta de preparo ou desrespeito, levando ao desprestígio. Enfim, não se deve esquecer nunca de que o dizer é criar uma imagem social de si. Por isso, devemos saber que cada situação de comunicação pede um registro, tudo depende de adequação a cada contexto, seja na forma de falar, seja na hora de escrever.

Giulia Múrcia Rodrigues
Aluna da 1ª série do Ensino Médio



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

Marília, 16 de março de 2013

Escreva uma CARTA ARGUMENTATIVA ao comitê da Copa do Mundo, inscrevendo-se para atuar como voluntário e apresentando argumentos que contribuam para que o comitê leve em consideração sua carta.

Prezados Senhores

Recentemente, tive a oportunidade de ver os anúncios referentes à candidatura de voluntários em um dos megaeventos com sede no Brasil em 2014 e me interessei pela vaga.

Sou estudante da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, resido na capital e estou no segundo ano do curso Relações Internacionais. Tenho 23 anos, nasci em Marília, no estado de São Paulo, cidade onde, desde menino, trabalhei como voluntário na paróquia da igreja de meu bairro. Tenho experiência para interagir com pessoas de todos os níveis sociais, para organizar grupos de diferentes faixas etárias e para comunicar-me em diferentes idiomas. Falo e escrevo fluentemente em português, espanhol, inglês e até me aventuro no japonês.

Penso que essa oportunidade possa me ajudar muito nas áreas profissional, cultural e social. Creio, também, que esta oportunidade seja imperdível, pois além de ter a satisfação de ver meu trabalho ajudando, diretamente, outras pessoas, posso dar uma contribuição significativa à minha carreira.

Na expectativa de resposta, desde já, agradeço a atenção dos senhores.

Atenciosamente.

Carlos Germano Souza Palú
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Estes dois textos chamam a atenção pela contribuição pessoal, simplicidade e clareza. O nível de linguagem é padrão, com boa coesão entre os parágrafos, o que garante coerência e progressividade a ambos. O aluno que optou pela Situação C construiu adequadamente um texto no gênero carta, pois a presença do interlocutor está definida e o propósito comunicativo também: candidatar-se, em 2014, como voluntário para trabalhar na Copa. Em termos de escrita, o candidato optou por utilizar a modalidade oral formal, o que demonstra uma escolha bastante favorável ao gênero solicitado. A aluna que optou pela Situação B redigiu, com bom nível de informatividade e consistência, um texto de opinião. A redação demonstra domínio da norma culta, intimidade com o tema, equilíbrio e argumentos bem encadeados, além de claro posicionamento diante da proposta temática sugerida. Ambos os textos estão coerentes, adequados ao tema e ao gênero solicitado, bem como dosados de informações, aspectos que fazem com que sejam classificados acima da média.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

Logo nas primeiras semanas de aula, a Apostila Anglo indicava para que os alunos da 2ª série do Ensino Médio se aventurassem na leitura e produção de alguns textos jornalísticos.

Levando em conta essa proposta, o professor Brunão pediu para que os jovens produzissem pequenos artigos de opinião que pudessem ser veiculados nas mídias do Colégio sobre o tema que eles achassem melhor.

Surgiram ótimos textos, sobre os mais variados assuntos, de Copa do Mundo a preconceitos raciais.

Copa, protestos e novelas.

Às vésperas da Copa do Mundo no Brasil, todos pensavam que teríamos pessoas vidradas, aglomeradas em apartamentos com um leve aroma de cerveja no ar... Mas não, fomos todos às ruas, protestando e fazendo muito barulho. Mas afinal, por que diabos fizemos isso? Por que só agora?

Após uma série de ideais passados por meio de redes sociais, obtivemos uma revolta generalizada contra a gestão governamental atual. O foco inicial foi o aumento dos preços das passagens no transporte público, porém, se estendeu até questões de saúde e moral, e é aí que entra a Copa.

O dinheiro gasto com toda a infraestrutura para receber o maior evento do futebol mundial, em tese, poderia ser gasto, segundo os manifestantes, em um melhor sistema de saúde. Isso gerou revoltas em todo o cenário nacional dando origem a célebre frase que embalou todo esse movimento: "O Gigante acordou!".

Quase um ano após este "levante" popular, me pergunto:

Quem está nas ruas?

Protestantes partidários, mascarando manifestações duvidosas e massacrando seus adversários. Mas e a Copa?

Acho que, como todo Brasileiro, também vou ficar quieto e procurar uma ou outra novela ou algo polêmico em rede nacional para me esquecer de tudo isso também.



Caio Ferreira Nicolau
Aluno da 2ª série do Ensino Médio



redações de alunos

Passei no Vestibular

Vestibular: a palavra que mais aterroriza os jovens.

Passei!: a palavra mais desejada a ser dita depois da divulgação do resultado .

Mas afinal, pra que tanta preocupação?

Ele é o porquê de tantos jovens se matarem de estudar no ensino médio e ele é também a porta para milhões de oportunidades e para muitas fases que estarão por vir.

Não é tão difícil de compreendê-lo: é uma prova que avalia seus conhecimentos, se forem suficientes, é aprovado, se não, você tenta no próximo ano.

Minha dica é: relaxe! Nervosismo na hora da prova irá apenas prejudicar. É preciso confiar em si mesmo, e se acontecer de não passar de primeira, nem de segunda, o importante é não desistir e esforçar-se para alcançar seu objetivo, pois no futuro todo o esforço só trará recompensas, principalmente quando você soltar o grito: PASSEI!!!

Lorena Prohmann
Aluna da 2ª série do Ensino Médio



redações de alunos

Preconceito

Há alguns dias, estava eu em minha aula de dança quando me deparei com uma piada sobre, quem diria, judeus! Fiquei impressionada e horrorizada por saber que, mesmo depois de muitas décadas, o preconceito asqueroso contra as pessoas (e sim, pessoas!) que foram quase extintas na Segunda Guerra Mundial, ainda continua. Além de tudo isso, não foi uma piada qualquer, foi uma que zombava do sofrimento que passaram.

Tudo bem que eles não são os únicos alvos das "piadinhas de mau gosto". Homossexuais e negros também sofreram com as perseguições nos campos de concentração e, estes últimos, já haviam passado pela escravidão que não foi tão melhor que a guerra. Mesmo com muitos livros e filmes retratando o horror que passaram com a escravidão e com o nazismo, as pessoas não conseguem senti-lo, acho que não percebem que a realidade foi pior, muito pior, porque só assistimos, não vivemos nada do que nos é mostrado.

Muitas pessoas são hipócritas. Defendem o "não preconceito" e a igualdade, mas não sentem remorso pelas coisas ruins que "as minorias" sofreram e muito menos as respeitam. Homossexual, negro, judeu, índio, branco... todos são iguais por baixo da pele, todos merecem respeito.

Ana Clara Benites Dias
Aluna da 2ª série do Ensino Médio



PROF. BRUNO AUGUSTO CORDEIRO DA SILVA

Revista inovar

